

RELAÇÕES DE SENTIDO EM CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS HOMOMÍMIA, POLISSEMIA E SINONÍMIA EM *TIRAS* DA MAFALDA

*Eliane Barbosa da Silva*¹

RESUMO

Através deste estudo, analisamos as relações semânticas em construções gramaticais da língua espanhola, como língua estrangeira (ELE), observando os efeitos de sentidos originados no contexto de produção da língua em questão. Buscamos fazer uma análise dessas relações de sentidos em textos de *tiras* de Mafalda, os quais constituíram o *corpus* da pesquisa, a fim de descrever e explicar os usos das noções de sinonímia, polissemia e homonímia, além de outras relações semânticas e pragmático-discursivas, como os implícitos, as implicaturas, a pressuposição, presentes nas construções gramaticais de tais textos, visto serem fenômenos tão usuais e corriqueiros tanto na escrita como na oralidade nas línguas, embora, ao que parece, sejam pouco estudadas no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira ou mesmo no ensino da língua materna, fato que se observa na pouca atenção ou ausência de tratamento aos casos nos próprios manuais didáticos de ensino de línguas. Para isso, teremos como base teórica e conceitual a semântica, visando especialmente uma discussão voltada ao estudo do sentido das construções gramaticais, dentro da perspectiva da

¹ Universidade Federal de Alagoas.

semântica formal e da semântica linguística, com base em Ilari (2001; 2002; 2006), Cançado (2008; 2012), Henriques (2011), Hjelmslev (1966), como também da pragmática, com base em Grice (1957; 1975), Ducrot (2005), além de outros teóricos que tratam dessa temática.

Palavras-chave: Semântica; Relações de sentido; Língua espanhola. Tiras.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem sido significativa a atenção que vem sendo dada aos questionamentos sobre ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE) e língua materna (LM). Diante dessa realidade, ressurgiu também uma discussão ainda mais peculiar: o(s) problema(s) que envolve(m) o processo de ensino-aprendizagem de línguas próximas em relação a aspectos semântico-linguísticos. Observa-se, contudo, que ainda é bastante incipiente o tratamento dado às questões semânticas, especialmente na sua aplicabilidade metodológica e pedagógica nos manuais didáticos, visando uma abordagem mais produtiva em sala de aula, problema que precisa ser enfrentado quando se trata do ensino da LM, e também quando lidamos com o ensino da LE.

Diante desse fato, propomo-nos a refletir sobre aspectos linguísticos, voltando-nos basicamente para a observação de aspectos semânticos, os quais instigam questionamentos sobre as relações de sentido que podem estar presentes em textos do gênero *tiras cômicas* de Mafalda, e analisar as relações semânticas de sinonímia, polissemia e homonímia, como também as relações pragmático-discursivas, como os implícitos, as implicaturas, a pressuposição nas construções gramaticais desses textos, a fim de observar o sentido que as palavras e os textos promovem em determinados contextos de uso.

A bibliografia disponível sobre essa temática no campo teórico é vasta e, no entanto, parece ser ainda um tanto escassa do ponto de vista de sua aplicabilidade pedagógica, pois os manuais didáticos, como as gramáticas, livros didáticos e dicionários, quando tratam do assunto apresentam, via de regra, descrições sumárias e exemplos isolados, preocupando-se em fornecer apenas conceitos básicos, glossários, ou frases feitas, deixando à margem, nesse caso, questões relacionadas à descrição e análise, à frequência e às condições de uso e o contexto em que são empregados. Nosso objetivo, portanto, é fazer uma análise descritiva e explicativa a respeito dessas relações de sentido em construções gramaticais presentes nas *tiras* de Mafalda, descrevendo essas noções e exemplificando os

seus usos, procurando, assim, contribuir para que essas noções tenham aplicabilidade no ensino através da leitura e compreensão de textos.

Para realizarmos a pesquisa, traçamos como objetivo estudar as relações de sentido em construções gramaticais do espanhol (ELE), presentes em textos do gênero *tiras* da Mafalda, a partir de princípios teórico-metodológicos da Semântica Linguística e da Semântica Formal, que buscam a descrição e a análise de tais fenômenos. Para tanto, selecionamos textos em *tiras* de Mafalda nos quais estejam presentes construções gramaticais com as seguintes relações de sentido: sinonímia, polissemia e homonímia e outras relações pragmático-discursivas; analisamos tais relações de sentido, descrevendo a sua ocorrência e uso em determinados contextos nessa língua; também refletimos sobre a importância do estudo dessas relações de sentido na formação do professor-aprendiz de ELE, discutindo os aspectos teóricos e práticos a esse respeito.

Quanto à metodologia, buscamos identificar tais relações semânticas e pragmático-discursivas nas construções gramaticais em espanhol por sabermos que estas ocorrem com certa frequência em diversos tipos de textos orais e escritos nas línguas. Além disso, observamos que os textos de materiais didáticos, assim como outros tipos e gêneros textuais, como as tiras, também apresentam essas relações de sentidos por serem amostras (quase) reais² da língua. Tais fenômenos semântico-linguísticos e pragmático-discursivos nos motivam a observar, identificar e analisar a sua ocorrência na língua espanhola, e também contribuir para a sua aplicabilidade no ensino, especialmente no Curso de Letras – Espanhol, área em que atuamos, na Universidade Federal de Alagoas/UFAL.

Os dados foram selecionados e apresentados graficamente por FIGURAS enumeradas, em formato PDF, conforme disponíveis na internet.³ Os textos que compõem o *corpus* para análise são compostos por tiras de Mafalda escritas a partir da década de 1960. Constituímos um *corpus* de 30 (trinta) sequências de tiras de Mafalda, nas quais sempre é possível observar essas relações de sentido, visto constituírem amostras (quase) reais da língua e também por estarem, de certa forma, acessíveis aos estudantes de espanhol como língua estrangeira e aos próprios falantes da língua. Das trinta sequências de tiras de Mafalda, 9 (nove) delas são selecionadas para serem analisadas no bojo da discussão teórica e as demais 21 (vinte e uma) fazem parte de um glossário do trabalho final, que se configura como um aporte didático para o ensino da língua espanhola no tocante a essa temática.

² Não se trata de amostras reais de língua porque são textos construídos pelo autor. Mas podem ser ditos «quase reais» porque são diálogos que se aproximam muito da fala.

³ As fontes ou referências das tiras selecionadas são citadas logo abaixo de cada figura.

A coleta de dados foi feita a partir da identificação dos fenômenos nas construções gramaticais dos textos pré-selecionados, as amostras identificadas no parágrafo anterior. Posteriormente, tais sentenças foram classificadas como exemplificação de acordo com as relações de sentido que estabelecem, seguido das análises das relações de sinonímia, polissemia, homonímia, implícitos, implicaturas e pressuposição, de acordo com a fundamentação teórica sobre a qual nos debruçamos para descrever e explicar tais fenômenos.

2. AS TIRAS DE MAFALDA COMO OBJETO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM

As muitas palavras análogas, assim como algumas construções gramaticais, por exemplo, podem apresentar muitas semelhanças, como também grandes divergências quanto ao sentido na língua. Isto é, inúmeras palavras, expressões e diversas sentenças da língua, no caso da língua espanhola, são iguais ou semelhantes tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo. Muitas outras, porém, são iguais ou semelhantes no plano da expressão (substância da expressão) e diferentes no plano do conteúdo (forma do conteúdo).

O espanhol, como as demais línguas naturais, apresenta, em suas construções gramaticais, determinadas relações de sentido no contexto de produção em que elas ocorrem, tais como as relações de sinonímia, polissemia e homonímia, implícitos, implicaturas, pressuposição. Essas construções nos mostram a capacidade que todo falante tem de produzir, de compreender e/ou de refletir sobre determinados aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos em sentenças da sua própria língua materna e/ou de uma determinada língua estrangeira.

A escolha pelo tema partiu de nossa reflexão, enquanto professora de língua estrangeira e de língua materna, sobre determinadas relações de sentido em sentenças, empiricamente observáveis na fala de sujeitos falantes de português (LM) e de espanhol (LE), como também nas construções gramaticais presentes em textos do gênero *tiras* de Mafalda. Essas produções revelam o conhecimento que o falante ou aprendiz tem sobre o significado das construções gramaticais da sua língua ou da língua alvo e como ele as compreende no que tange às relações de sentido que se estabelecem em determinadas sentenças. Nesse sentido, observamos também se tais relações de sentido podem interferir, de certa forma, na aprendizagem da língua estrangeira, no caso, o espanhol, ou seja, se há transferência de sentido da língua materna para língua estrangeira, visto serem línguas próximas, analisando, portanto, se os sentidos ou mesmo a expressão são iguais ou diferentes entre as línguas.

É comum observar essas construções em livros teóricos, principalmente, ou em manuais didáticos, como casos exemplares e modelos formais apresentados para a explicação e descrição de tais relações. No entanto, esses exemplos se apresentam como clichês e modelos pré-elaborados e adotados para simplesmente exemplificar ou caracterizar essas relações de sentido, em alguns casos, sem uma reflexão ou análise sobre o seu uso em textos ou nas reais condições de produção do falante, por exemplo. Nossa intenção, portanto, é analisar esses dados em *tiras* de Mafalda, a fim de descrever e explicar tais fenômenos a partir da sua presença em contextos reais de produção e, assim, contribuir para que o estudo dessas relações de sentidos (homonímia, sinonímia e polissemia), assim como os implícitos, as implicaturas e a pressuposição sejam estudadas e aplicadas em aula de línguas materna ou estrangeira.

Diante disso, observamos que os textos selecionados das *tiras* de Mafalda revelam muito mais do que as relações de sentido, como sinonímia, polissemia e homonímia. É necessário ir além das questões semântico-linguísticas para compreender as relações discursivas e pragmáticas que se apresentam nesse gênero textual e em seu contexto de uso. Partimos, portanto, de uma análise de aspectos mais especificamente semânticos, como a relação do sentido nas construções gramaticais, porém observamos que tais relações não se esgotam em si mesmas, pois os textos revelam elementos para além do estritamente linguístico, direcionando-nos aos aspectos pragmáticos e discursivos marcantes nesse gênero textual.

3. OBSERVANDO ALGUMAS TIRAS DE MAFALDA

Iniciamos essa discussão com base na concepção de signo e contexto. Qual a significação ou a função do signo “sopa” no contexto da tirinha da Figura 1? Podemos analisar questões de significação a partir do signo ou do signo ao contexto e enunciado?

Falando sobre a palavra signo, Hjelmslev (2013, p. 49) afirma que ‘signo’ se define por uma função. Para ele, um ‘signo’ funciona, designa, significa, é portador, portanto, de uma significação. Assim, ele assume, visto que a proposta inicial é de Saussure, que a linguagem é um sistema de ‘signos’. O autor ainda afirma que grandezas como as frases, as proposições e as palavras parecem atender a essa condição: elas veiculam uma significação e, portanto, são ‘signos’. No entanto, ele diz que é interessante aprofundar essa análise o quanto possível para assegurar uma descrição exaustiva e simples. Toda grandeza, segundo Hjelmslev (Idem, p. 50), assim como todo signo, se define de modo

relativo e não absoluto, ou seja, essa definição se dá unicamente pelo lugar que ela ocupa no contexto. Não existem significações reconhecíveis outras que não as significações contextuais, pois:

Considerados isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo; com efeito, num texto ilimitado ou produtivo (uma língua viva, por exemplo), um contexto situacional pode sempre ser tornado explícito (HJELMSLEV, 2013, p. 50).

Assim, é possível entender que determinado signo (“sopa”, por exemplo), isoladamente, tem uma significação relativa, limitada, ou sem significação, como afirma Hjelmslev (2013), enquanto que analisado no contexto situacional (da tirinha, no nosso caso) ele passa a ter outra função, outra significação. Observa-se que a espécie de sinonímia criada pelo sujeito que utiliza a linguagem no contexto situacional do texto a seguir traz um jogo com a linguagem figurada, tornando esse contexto explícito.

De que forma essa questão da significação, do contexto, do sentido figurado pode contribuir para o ensino-aprendizagem de uma segunda língua ou da língua estrangeira? Veremos isso *pari passu*, à medida que se analisem as tirinhas em língua espanhola, embora já se observe a relevância da temática para a compreensão de textos, e de fenômenos como a sinonímia, polissemia e homonímia para o ensino-aprendizagem tanto da língua materna como da língua estrangeira.

Figura 1



Fonte: <http://www.todohistorietas.com.ar/tiras2.htm> Consulta: 24/05/2018.

Na tirinha (Figura 1), observa-se como Mafalda faz um jogo de sentidos da palavra “sopa”, ou seja, o enunciador (Mafalda) cria uma espécie de sinonímia na linguagem ao atribuir outros sentidos a determinado signo. Inicialmente, ela faz

um elogio a sua mãe pela comida gostosa sem fazer menção ou sem saber que se tratava de sopa, comida de que ela não gosta. Em seguida, quando a mãe diz que é sopa, ela repreende com um “chst” e diz que não se fala “palavrões” na mesa. Nesse contexto, entendemos que ela cria uma sinonímia de sopa com palavrões (sopa = palavrões) na enunciação.

Em seguida, a mãe responde dizendo-lhe que sopa não é palavrão. Após observar o prato, a pequena Mafalda reforça a sua repulsa pelo prato de sopa, dizendo no último balão que também não se dizem “mentiras” na mesa. Nesse contexto, é importante observar que o discurso de Mafalda vai além do sentido das palavras nas sentenças, ela dá sentidos novos às coisas, aspecto que pode ser melhor compreendido se analisarmos tais discursos através das implicaturas. Como diz Ilari & GERALDI (2006, p. 75), “O sentido que a expressão assume então no contexto de fala pouco ou nada tem a ver com o sentido que se poderia esperar para a expressão a partir das palavras que a compõem”. É exatamente o que ocorre nessa tira, pois Mafalda usa de alguns artifícios do discurso para reforçar a sua negação ou repulsa ao prato de sopa, reforçando que não se diz palavrões nem mentiras na mesa. Como é possível entender o que significam os enunciados do discurso de Mafalda?

Exemplos como esse podem ser analisados a partir dos fenômenos conversacionais propostos pelo filósofo Paul Grice (apud ILARI & GERALDI, 2006, p. 76), que diz que “a conversação obedece a uma lógica própria, expressa por ‘regras conversacionais’ com as quais os falantes se comprometem ao engajar-se numa conversação”. Essas regras, tais como: “seja breve”, “seja relevante”, “seja tão informativo quanto exigido no momento da conversação” (idem, p. 76), podem ser exploradas pelos falantes sem que as cumpram, ou seja, violando-as, justamente para produzir sentidos diferentes. Assim, a relação de sentido se estabelece através de uma implicatura.

O mesmo autor (Idem 2006, p. 76-77), ao destacar a diferença entre implicaturas e pressuposições, diz que no processo para compreendermos um conteúdo pressuposto à estrutura linguística nos dá todos os elementos que nos permitem derivá-lo. Ao contrário, quando “derivamos implicaturas do discurso do nosso interlocutor ou as impingimos a quem nos ouve, esse suporte na construção linguística é muito menos óbvio” (Idem, 2006, p. 77). Assim, somos convidados a reinterpretar o enunciado, a observar que a interpretação da frase é inapropriada para a situação, como ocorre no discurso de Mafalda na tira da Figura 1, ao invés de procurar interpretar o enunciado através das expressões linguísticas particulares na frase.

No processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, é importante o professor e o aprendiz estarem atentos a esses recursos da linguagem, a esses outros sentidos, no caso explicitado anteriormente, as implicaturas, pois tal fenômeno contribui para a compreensão de nuances não explicitadas no signo observado isoladamente, ou nas expressões linguísticas das frases, e só no contexto situacional do texto, ou melhor, na enunciação, evidencia-se como o enunciador, no caso a personagem Mafalda, cria sentidos diversos através de implicaturas. O significado pode ser literal – sopa, mesa –, mas os sentidos é que são novos no discurso de Mafalda, como palavrão, mentira, lugar sagrado.

Nessa tira, portanto, entendemos que Mafalda contrapõe o discurso da mãe de que “sopa não é palavrão” simplesmente para manter o seu argumento de rejeição ou negação ao prato de sopa, quebrando assim o princípio de relevância na enunciação. Ela poderia apenas dizer: não gosto de sopa, portanto, não vou tomar a sopa. Para ela, dizer que não se fala palavrões ou não se diz mentiras na mesa implica em rejeitar aquele tipo de prato, inclusive resgata o sentido de que mesa é um lugar puro, sagrado, por isso um lugar onde não se diz tais coisas, como palavrões e mentiras, convencionadas como impróprias, inadequadas.

Se por um lado entendemos que nesse contexto de enunciação há implicatura no discurso de Mafalda, entendemos também que ela, de certo modo, cria uma relação entre “sopa, palavrões, mentira”, a qual podemos entender como uma relação de sinonímia nesse texto, e que em outros discursos, o enunciador poderia dar à sopa o sentido de “coisa suja, feia, nojenta” e, nesse caso, não poderíamos chamar essa relação de sinonímia textual? Assim, resta ao interlocutor descobrir que na fala do enunciador há um outro sentido e não o literal, no nosso entender, há um outro sentido no texto. (ILARI & GERALDI, 2006, p. 76).

Outra discussão trazida por Hjelmslev é sobre as noções de expressão e conteúdo. Ele afirma que deixará de falar, por ora, em signos para falar em *função semiótica*, situada entre duas grandezas: *expressão* e *conteúdo* (Idem, p. 53). Segundo Hjelmslev, 2013, p. 54:

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo.

Para o autor (2013, p. 54), é evidente que “não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido: o conteúdo de uma expressão pode

perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer (...) sem com isso deixar de ser um conteúdo”.

É importante ressaltar que, de acordo com a teoria tradicional, o signo é a *expressão* de um *conteúdo* exterior ao próprio signo. No entanto, na teoria moderna formulada por Ferdinand de Saussure e seguida por Leo Weisberger, concebe-se o signo como um todo formado por uma expressão e um conteúdo (Idem, p. 53).

A partir de então, Hjelmslev (2013, p. 53) passa a falar, por ora, em *função semiótica* e não em signos, pois, para ele, a função semiótica está situada entre essas grandezas: a expressão e o conteúdo. O autor adota tais termos (expressão e conteúdo) para designar os functivos que contraem a função semiótica; para ele, esta concepção é puramente operacional e formal e, nesse sentido, nenhum outro significado é dado aos termos *expressão* e *conteúdo*.

Hjelmslev afirma ainda (2013, p. 54-55) que se se deixasse de considerar a função semiótica na análise do texto, não se poderia delimitar os signos, e não se poderia proceder de forma alguma a uma descrição do texto.

O sentido, para o autor, é o fator comum a todas as línguas, mas cuja execução é diferente em cada uma delas. Esse fator comum é uma grandeza que só se define pela função que a une ao princípio da estrutura da língua e a todos os fatores que fazem com que as línguas se distingam umas das outras. Para exemplificar, ele cita as sequências (cadeias) em diferentes línguas:

Jeg véd det ikke (dinamarquês)

I do not know (inglês)

Je ne sais pas (francês)

En tiedä (finlandês)

Naluvava (esquimó)

Em tais sequências, apesar das diferenças, o fator comum é o sentido, o mesmo pensamento que, considerado dessa forma, apresenta-se provisoriamente como uma massa amorfa, uma grandeza não analisada, definida somente por suas funções externas, ou seja, pela função absorvida com cada uma das proposições citadas.

Vale ressaltar que o sentido aqui apresentado pelo autor parece ser o mesmo que significado, mas sabemos que existe uma diferença entre significado e sentido na literatura, tanto em relação à visão de linguistas e semanticistas, como

na visão de teóricos do discurso, da pragmática e da enunciação, discussão que pode ser ampliada no decorrer do trabalho.

Para o autor (p. 56), pode-se analisar o sentido a partir de vários pontos de vista, de um ponto de vista lógico, ou psicológico quaisquer, no entanto, percebe-se que ele deve ser analisado de um modo particular em cada uma dessas línguas, pois o sentido só pode ser compreendido porque ele é ordenado, articulado, formado de modo diferente de acordo com as diferentes línguas, como se pode observar ao analisar-se as sentenças das línguas citadas, assim como também veremos na tira de Mafalda abaixo. Nesse aspecto, ressaltamos a validade de o professor e o aprendiz reconhecerem essas nuances no âmbito de um discurso ou de uma enunciação, através de noções como as implicaturas em determinada língua, no nosso caso o espanhol, como vemos através das tiras de Mafalda, pois nosso interesse não é fazer a comparação dessas nuances de sentidos entre línguas.

Figura 2



Fonte: <http://www.todohistorietas.com.ar/tiras2.htm> Consulta: 24/05/2018.

Na tira (Figura 2), de Mafalda, aparecem algumas questões bastante curiosas, uma relacionada à palavra “postre” (sobremesa), outra a “soborno” (suborno), e outra relacionada a “desertar” (abandonar). Quanto à palavra “postre”, observamos que ela surge como um tipo de chantagem caso Mafalda tome a sopa, ou seja, o enunciador deixa implícito que se ela não tomar a sopa, ela não come panquecas. Na sequência da tira, Mafalda parece querer resistir à chantagem da mãe, quando diz de forma imperativa “não a tomo!”.

Com relação à palavra “soborno”, ao que parece, observamos haver uma espécie de retomadas anafóricas, estabelecida pela relação semântica de sinonímia entre *postre* e *soborno*, quando a personagem, no caso Mafalda, não mais se refere ao significado semântico literal de *postre*, mas faz uma relação no texto

do segundo balão com “soborno”. Ela parece sugerir no segundo enunciado que a sua mãe a suborna com o “postre” quando ela toma a sopa, o que se confirma no terceiro quadro da sequência da tira quando a mãe de Mafalda oferece panquecas, e no último enunciado Mafalda aparece tomando a sopa e diz que às vezes tem nojo dela mesma. Nesse contexto, fica subentendido que a máxima da qualidade foi violada por Mafalda, quando ela defende seus princípios, mas, em seguida, nega-os, ainda que através de um enunciado que apenas lançando-se mão do recurso semântico das implicaturas pode ser compreendido.

Grice (1975, 1978, *apud* CANÇADO, 2008, p. 132) afirma que as implicaturas conversacionais podem ser previstas por um princípio de cooperação entre os falantes. A realização linguística desse princípio é apresentada por Grice em uma série de normas ou máximas, dentre elas a *máxima da qualidade*, descrita como segue: “Tente fazer da sua contribuição uma verdade, ou seja, não diga o que você acredita que seja falso, ou não diga nada de que você não tenha evidências adequadas” (idem, p. 132). Outra máxima que parece ser violada por Mafalda nesse enunciado é a *máxima de modo*, na qual se espera que o falante ou enunciador seja claro, evite ambiguidades, evite obscuridades, seja breve e ordenado.

Na tira da Figura 2, Mafalda cria ambiguidades no enunciado, e não é clara quando diz que seria repugnante se houvesse suborno, no entanto, no final da sua enunciação ela se submete ao suborno, tomando a sopa, ou seja, além de não ser clara, parece não falar a verdade. No discurso de Mafalda, parece estar implícito também que a mãe deve sempre suborná-la para tomar a sopa. No primeiro enunciado, a mãe tenta convencê-la (parece ser uma chantagem ou a primeira tentativa de suborná-la) de que se Mafalda não tomar a sopa, não come sobre-mesa. Mafalda parece resistir respondendo à mãe que “não a toma” e que não aceita suborno (por isso, cremos que seja um costume da mãe), mas quando a mãe oferece panquecas, Mafalda não resiste, pois adora comer panquecas. Como afirma Cançado (2008, p. 134),

[...] fica claro que esses princípios cooperativos divergem dos princípios linguísticos, no sentido de que eles podem ser e são violados frequentemente: muitas mentiras são ditas, as conversações são desviadas subitamente do seu curso por respostas desconexas e quem nunca conversou com alguém que dá muito mais informações do que as necessárias? O que ocorre é que essas normas podem ser violadas de forma deliberada, de modo que o falante sabe e reconhece que a máxima foi desconsiderada de uma maneira intencional.

Entendemos, portanto, que há também uma relação sinonímica entre as duas sentenças com relação ao sentido das palavras “postre” e “soborno”, não mais no

sentido literal ou isolado das palavras, mas no contexto em que ocorrem. Nesse caso, observamos que o fator comum entre ambas as palavras é o sentido empregado nesse contexto situacional e não em relação ao sentido específico ou determinado de cada signo isoladamente, como diz Hjelmslev, ou seja, esse tipo de relação semântica extrapola o nível linguístico (da palavra) e se forma no discurso.

No caso de “desertar”, o sentido empregado nesse contexto pode ser analisado em relação a sua construção sintática. Observamos que no texto o verbo “desertar” é seguido da preposição “de”, cuja forma intransitiva usada nesse contexto e cujo sentido implica em entender que o suborno seria capaz de fazê-la abandonar de algo que lhe é peculiar, próprio, diferentemente de se a personagem dissesse desertar algo, como se isso não lhe fosse peculiar ou que não lhe fosse obrigado (submetido) a fazer. Vemos nesse contexto que as construções sintáticas também são importantes na compreensão de determinados sentidos do texto na língua, o que é relevante na língua estrangeira, principalmente, pois o aprendiz deve desenvolver determinada competência linguística para reconstruir ou interpretar essas criações sintáticas visto que elas implicam ou podem implicar sentidos diferentes na(s) língua(s).

Assim, como afirma Hjelmslev (2013, p. 57), “cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na ‘massa amorfa do pensamento’ ao enfatizar valores diferentes numa ordem diferente, [...] é o mesmo sentido que se forma ou se estrutura diferentemente em diferentes línguas”.

Segundo o autor, portanto, constata-se “no conteúdo linguístico, em seu processo, uma *forma* específica, a *forma do conteúdo*, que é independente do *sentido* com o qual ela se mantém numa relação arbitrária e que ela transforma em *substância do conteúdo*”. (p. 57), como vemos no caso da Figura 2 e na Figura 3, a seguir.

Figura 3



Fonte: <http://www.todohistorietas.com.ar/tiras2.htm> Consulta: 24/05/2018.

Aparece também outra situação de comunicação em que a palavra “solteirão” é enfatizada como sinônimo de “solitário” pelos personagens. A equivalência semântica entre as duas palavras nas sentenças da tirinha surge quando, no diálogo entre Felipe e Susanita, esta diz que solteirão e solitário é a mesma coisa, ou seja, todo solteirão é um solitário (solteirão = solitário, nesse contexto). As duas palavras do ponto de vista lexical não possuem identidade de significados e, no entanto, nessa sentença específica, a personagem traz essa relação entre elas nesse contexto de uso. Segundo a história da personagem, ela tem interesse romântico por Felipe, e, talvez por isso, use desse argumento linguístico buscando comparar o sentido de solteirão com solitário, para chamar a atenção do seu pretendente. Por isso, o uso desse artifício da linguagem torna as palavras sinônimas.

Esse caso também reforça a tese anterior, como o exemplo de sopa e surbro, de que a relação de sinonímia pode ocorrer entre palavras como também se estabelece no discurso, pois, sem considerar o contexto em que se inserem, poderiam não ser consideradas como sinônimos, no entanto, o texto evidencia essa relação de sinonímia entre solteiro e solitário, embora reconheçamos que existe um traço semântico (ou cultural?) que as aproxima. Apontamos, dessa forma, para o caso de que tais relações semânticas preexistentes, permitidas pelo linguístico, podem também ser vistas no plano do discurso, da enunciação, analisando a questão das implicaturas, implícitos, pressuposições, a serem retomadas mais adiante em Grice (1982), no texto “Lógica e conversação”.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fascinante nos debruçarmos sobre o estudo de diferentes aspectos e diferentes níveis de análise da língua. O aspecto semântico da língua nos chama atenção em particular, pois perpassa, de certo modo, os demais aspectos linguísticos.

Nossa proposta inicial, visava observar aspectos semântico-linguísticos, como as relações de sinonímia, polissemia e homonímia nas tiras de Mafalda e em textos de livros didáticos. No entanto, desde a seleção dos dados, tanto das tiras como dos textos, começamos a observar que as tiras de Mafalda poderiam provocar um viés teórico distinto ou para além daquele que delimitamos no projeto inicial. Da mesma forma, percebemos que os textos selecionados nos manuais didáticos apontados no projeto não seriam suficientes para observar os fenômenos semânticos a serem analisados no trabalho, fato confirmado quando iniciamos as análises propriamente ditas.

Por isso, a partir de um novo recorte, tanto nos dados quanto no olhar teórico sobre os fenômenos que surgiam a cada tira de Mafalda selecionada e que analisamos, pudemos alcançar os objetivos propostos na pesquisa. Isso nos pareceu, inicialmente, um novo desafio na condução, desenvolvimento e conclusão do trabalho, mas nos permitiu fazer outras leituras e tecer observações sobre novos vieses dos fenômenos semânticos da língua através dos textos de Mafalda.

Buscamos, portanto, fazer um percurso através do aspecto estritamente linguístico-semântico e percorrer as nuances de sentidos que permeiam os textos através do discurso e da enunciação nas falas das personagens em Mafalda, um caminho que se tornou ainda mais gratificante, pois observamos que os textos, independentemente do aspecto espaço-temporal, como o das tiras de Mafalda, que são de um período político-social complexo e conflituoso da sociedade argentina da década de 1960 (do século XX), mas também de outros países da América Latina e do mundo, revelam através da linguagem quadrinística e cômica fenômenos linguísticos nos textos e nas atitudes cotidianas de qualquer falante de determinada língua.

REFERÊNCIAS

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HJELMSLEV, Louis. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Paris: Editions de Minuit, 1966 [1943].

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. J. Ferreira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1922.

SEÑAS. **Diccionario** para la enseñanza de la lengua española para brasileños. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

